

## INFÂNCIAS EM TRAVESSIA: O CORPO COMO TERRITÓRIO DE ESCUTA, EXPRESSÃO E CUIDADO

GABRIELLA BASTOS FERREIRA<sup>1</sup>; MARIANA DE JULIO<sup>2</sup>; YNDIARA BORGES SOBROSA<sup>3</sup>; LUIS FERNANDO CAVALHEIRO PEREIRA<sup>4</sup>; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [projetoinspirandovidas@gmail.com](mailto:projetoinspirandovidas@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marianadejulio15@gmail.com](mailto:marianadejulio15@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [yndiara.bs@gmail.com](mailto:yndiara.bs@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [fernandocavalheiro997@gmail.com](mailto:fernandocavalheiro997@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mandagara@hotmail.com](mailto:mandagara@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O cuidado em saúde mental na infância constitui um campo de significativa relevância para a promoção da saúde integral, especialmente quando pensado a partir de abordagens que reconhecem o corpo como território de percepção, expressão e criação.

Inserida nesse contexto, a experiência aqui apresentada integra as ações do projeto de extensão **Barraca da Saúde: cuidado interdisciplinar com as comunidades da zona sul**, iniciativa do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que visa implementar a Política Nacional de Vigilância em Saúde (PNVS) do Sistema Único de Saúde (SUS), promovendo a participação comunitária e fortalecendo vínculos sociais, educativos e afetivos (BRASIL, 2018).

A atividade constituiu-se como prática de cuidado em saúde mental que entrelaça dançaterapia Método María Fux (1983) e práticas corporais de educação somática, tendo em vista o desenvolvimento de experiências corporais sensíveis, que reconhecem o corpo como lugar de escuta, expressão e construção de sentido. No brincar, no sentir e no mover-se poeticamente, a infância encontra um território fértil para elaborar suas emoções e partilhar experiências em coletividade. Mais do que ensinar uma técnica, a proposta se sustentou como uma educação poética (DUARTE JR., 2000), ancorada na ludicidade, na escuta e no diálogo.

Nesse horizonte, ressoa a compreensão freireana de que escutar ultrapassa o sentido literal de audição: envolve uma disponibilidade contínua para se abrir ao outro, aos seus gestos, palavras e diferenças, compreendendo o diálogo como prática de atenção e respeito mútuo. (FREIRE, 2021). Escutar o outro, mas também escutar a si mesmo, configura-se aqui como prática de cuidado: um exercício de atenção sensível às próprias emoções, ritmos e memórias corporais, que se reconfiguram no encontro com a coletividade.

A atividade aqui relatada, embora localizada no âmbito da extensão universitária, encontra ressonância direta com o percurso acadêmico e profissional da autora, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel. O projeto de tese em andamento, *“Uma dança que transborda: corpo, arte e movimento para além da experiência estética e terapêutica”*, se ancora no campo da saúde mental e nas premissas do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente no cuidado territorial e comunitário. A Barraca da Saúde, nesse sentido, constitui um espaço de experimentação formativa e sensível, no qual se ensaia, em diálogo com a comunidade, a articulação entre práticas corporais expressivas e o cuidado em saúde. Esse entrelaçamento permite afirmar a extensão como laboratório estético, poético e político de uma pesquisa que se projeta para o campo da atenção psicossocial.

Nesse contexto, o objetivo deste relato é apresentar a experiência da ação extensionista em saúde mental com crianças, evidenciando como práticas corporais expressivas, podem potencializar a escuta, a expressão emocional e os vínculos afetivos, situando a extensão universitária como espaço de produção de cuidado, educação e transformação social.

## 2. METODOLOGIA

Inspirada na dançaterapia de Maria Fux e nas práticas corporais de educação somática, a oficina *“Viagem ao Mundo das Emoções: sensações que brincam no corpo”* foi realizada no Exército da Salvação em novembro de 2024 e foi organizada em cinco momentos articulados, costurados como uma narrativa sensível, pensados como passagens que buscavam ampliar repertórios de movimento, favorecer a consciência de si e cultivar a potência criadora do corpo em movimento.

A experiência foi conduzida por uma equipe interdisciplinar composta por uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel e três discentes dos cursos de Licenciatura em Dança, Nutrição e Terapia Ocupacional, sob coordenação da professora Dr<sup>a</sup> Michele Mandagará de Oliveira, desenvolvida com um grupo de aproximadamente 6 a 8 crianças entre 4 e 10 anos.

O encontro teve início em roda, num momento de abertura marcado pela mística do acolhimento com plumas coloridas instaurando um estado de presença. Em seguida, o grupo foi conduzido ao mapeamento corporal das emoções. Pequenos adesivos coloridos se transformaram em elementos criativos em que cada criança colava sobre o próprio corpo, sinalizando e revelando modos singulares de sentir e nomear as emoções.

No terceiro momento, cada participante recebeu um espelho, abrindo-se à experiência de auto-observação, explorando expressões faciais correspondentes a sentimentos e emoções, como metáfora de reflexão e possibilidade de se enxergar como sujeito capaz de reconhecer, sentir e expressar.

O quarto momento convidou os corpos à dança com as emoções. A cada criança foi entregue um balão colorido que se converteu em metáfora viva da emoção daquele instante. No diálogo entre corpo, música e balão, emergiram gestos singulares, compondo uma cartografia sensível das emoções em ato.

O encerramento trouxe novamente o círculo, agora pulsando em ritmo coletivo. Inspiradas nas músicas do grupo Barbatuques, as crianças exploraram a percussão corporal, fazendo do corpo um instrumento vivo. O jogo rítmico expandiu-se em dança coletiva, na qual cada gesto encontrou cadência própria e, ao mesmo tempo, pertencimento ao grupo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento, marcado pela mística de acolhimento com as plumas coloridas, observou-se a curiosidade intensa das crianças diante de um material que lhes era completamente novo. O corpo, antes atravessado pela adrenalina gradativamente encontrou repouso na respiração mais profunda e na percepção das texturas. Esse processo de transição demonstrou como práticas corporais sensíveis podem possibilitar estados de presença, escuta e cuidado de si.

Embora muitas crianças já tivessem experimentado a dança, a maioria relatou conhecer apenas modalidades voltadas à estética performática, pautadas pela reprodução de movimentos. Nesse sentido, a proposta abriu espaço para outra

perspectiva: a dança enquanto experiência de improvisação e autodescoberta, na qual o corpo busca, a seu modo, expressar sua potência criativa e afetiva.

O movimento surgiu como gesto efêmero, singular e ético, capaz de revelar a potência de existir do corpo e de construir sentidos compartilhados. A vivência confirmou que práticas de dançaterapia e de educação somática podem ser instrumentos de cuidado e educação, promovendo experiências de escuta, afeto e presença, alinhadas a uma perspectiva política e transformadora da extensão universitária (FUX, 1983; 2011; MILLÁS, 2021; BOLSANELLO, 2005).

No segundo momento, a princípio, as crianças revelaram dificuldade em nomear e reconhecer a manifestação das emoções no corpo, talvez reflexo de uma educação que raramente legitima a escuta de si. Aos poucos, o diálogo se construiu a partir do gesto de compartilhamento das vulnerabilidades dos integrantes da Barraca da Saúde. Essa partilha horizontal e dialógica permitiu que o espaço se tornasse mais humanizado.

Como lembra Freire (2021), educar exige escuta sensível, capaz de acolher a fala do outro sem reduzir sua experiência, pois é no exercício dessa escuta que se funda a dialogicidade e a possibilidade de transformação mútua.

O terceiro momento se constituiu como um jogo lúdico com as expressões faciais e cada expressão foi explorada com curiosidade e riso, como quem descobre novos contornos do próprio rosto. O brincar com o espelho das emoções revelou-se não apenas um recurso lúdico, mas uma pedagogia do olhar: reconhecer-se e reconhecer o outro como sujeitos atravessados por afetos, vulnerabilidades e intensidades.

No quarto momento, cada criança escolheu um balão e, com ele, uma cor que representava naquele instante uma emoção. Assim, o balão tornou-se corpo-símbolo e as crianças começaram a dançar suas emoções. Cada gesto, em consonância com a música, configurou-se como parceiro de improvisação: ora resistência, ora amparo.

Aos poucos, os movimentos foram se transformando em encontros. As crianças passaram a interagir entre si, trocando balões, cruzando emoções, criando um tecido coletivo de expressões. Nesse instante, a experiência revelou seu caráter simbólico e transformador: dançar não foi apenas brincar, mas ensaiar modos de existir no mundo. Como na vida, foi possível compreender que não se trata de anular as emoções, mas de aprender a movimentar-se com elas, criando caminhos de travessia no corpo-território.

O corpo, embora moldado por normas e disciplinamentos, mantém em si a potência de resistência e reinvenção (FOUCAULT, 1978; 2014). Assim, pensar o corpo como sujeito da experiência, tornando-se território de experimentação, criação e transformação. Ao movimentar-se, perceber-se e afetar-se, os sujeitos ampliam sua capacidade de criar modos singulares de existir.

O encontro foi finalizado com a força do imprevisto: o movimento nasceu do instante e se transformou em diálogo sensível com o corpo e com o grupo. Inspirados pelas músicas do Grupo Barbatuques, os corpos seguiram a trilha dos ritmos internos e ancestrais, se encontrando na potência do coletivo.

O jogo rítmico atravessou velocidades e intensidades distintas, deixando emergir um sentir profundo da ancestralidade. A dança, afinal, é anterior à palavra. Ela é memória viva que acompanha desde os primórdios da humanidade, linguagem que conecta o humano ao coletivo, o presente ao passado.

Esse momento foi celebração e pertencimento, um rito simbólico de encerramento em que o corpo, pela música e pelo movimento, abriu espaço e

transformou-se em metáfora da vida em comunidade: pulsante, diversa, interdependente.

Essa compreensão aproxima-se do que Millás (2021) aponta ao pensar a dança como prática que se liberta da rigidez da coreografia tradicional e se abre a múltiplas relações com o espaço, o tempo, os objetos e os corpos em presença. Trata-se de um deslocamento que inscreve a dança e o movimento como manifestação vital, que atravessa fronteiras entre arte, saúde, educação e política, e que, nesse atravessamento, produz torções nas formas cristalizadas de subjetivação.

#### 4. CONCLUSÕES

A experiência revela que a integração de práticas corporais expressivas em contextos comunitários, na perspectiva de saúde mental infantil, constitui uma inovação metodológica significativa, ao deslocar a dança do plano da estética e da performance para um território de escuta, expressão e criação.

As vivências aqui descritas ultrapassam o impacto imediato sobre os sujeitos envolvidos, inscrevendo-se em um horizonte formativo que articula extensão, pesquisa e cuidado. A experiência da Barraca da Saúde, atravessada por práticas corporais expressivas, reafirma a potência da extensão universitária como campo estético, poético e político, no qual se experimentam modos de fazer saúde alinhados às premissas do SUS, do cuidado territorial e da atenção psicossocial.

Ao vincular-se ao percurso doutoral da autora, a atividade demonstrou como a extensão pode constituir não apenas um exercício pedagógico, mas também um espaço fértil de elaboração crítica e de invenção metodológica, no qual se gestam, em diálogo com a comunidade, outras formas de existir, cuidar e pesquisar.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Vigilância em Saúde (PNVS)**. Brasília, 2018. Acessado em 05 ago. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/politica-nacional-de-vigilancia-em-saude>

BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. Motriz, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 89-96, mai./ago. 2005.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Edição especial. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FUX, M. **Dança, experiência de vida**. São Paulo: Summus, 1983.

FUX, M. **Ser dançaterapeuta hoje**. São Paulo: Summus, 2011.

MILLÁS, C. R. G. Corpo-em-fluxo: conexões entre dança, educação e saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação: Botucatu**, v.25, 2021.